

## RODOPIO: UM MOVIMENTO IN ESPERADO A ARTICULAR PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*RODOPIO: AN UNEXPECTED MOVEMENT ARTICULATING METHODOLOGICAL  
PROCEDURES*

**Maria da Conceição Andrade Souza/UFBA**

---

### RESUMO

O artigo traz observações a respeito da obra **Rodopio**, abril/2020, da autora, motivada por sua recém iniciada pesquisa de doutorado em/sobre artes visuais e inquietações no momento atual de pandemia e afastamento social. Durante o processo criativo, projeções de áreas sombrias e iluminadas sobre uma forma cônica foram determinantes para sua configuração e riscado de curvas sobre seu corpo argiloso. Na leitura da obra, a artista aproximou detalhes gráficos espiralados com o desenho do fluxograma de sua pesquisa de mestrado, **terra-Terra**, 2007-2009, articulando procedimentos metodológicos dispersos com questões e objetivos da nova pesquisa. Nesse processo, foram valiosos textos teóricos de Michel Maffesoli e Gaston Bachelard, além de reflexões sobre o fazer artístico por Paul Klee, Manoel de Barros, Sandra Rey e Mia Couto.

### PALAVRAS-CHAVE

Argila; dispersões; articulações; processo criativo; procedimento metodológico

### ABSTRACT

*The article brings observations about the work Rodopio, April / 2020, by the author, motivated by her recently started doctoral research in / about visual arts and concerns in the current moment of pandemic and social withdrawal. During the creative process, projections of dark and illuminated areas on a conical shape were decisive for its configuration and streaked curves on its clay body. In reading the work, the artist brought together spiraled graphic details with the flowchart design of her master's research, **terra-Terra**, 2007-2009, articulating dispersed methodological procedures with questions and objectives of the new research. In this process, there were valuable theoretical texts by Michel Maffesoli and*

*Gaston Bachelard, as well as reflections on artistic work by Paul Klee, Manoel de Barros, Sandra Rey and Mia Couto.*

**KEYWORDS**

*Clay; dispersions; connections; creative process; methodological procedure*

Recuar e afastar-se! Barro na mão no refazer de cada dia, para compreender-se na instauração de uma nova rotina. Assim, **Rodopio**, abril de 2020, Figura 1, sinaliza que outro movimento rotatório se instalou. Nele, no rodopio, a rotação do corpo tem uma das pernas como eixo e provoca revoluções imprevistas para entrar em órbitas diversificadas, mas reconhecíveis porque recorrentes, típicas de momentos de alerta, de dispersão e articulação nos processos criativos, de nova ordenação subjetiva e objetiva. Essas órbitas foram riscadas sobre uma extensão plana do corpo argiloso cônico, em balanço, esgarçado, recuado, e corresponde à primeira sombra percebida dele; na verdade, esse seu lado sombrio também lhe pertence e lhe fortalece porque o apoia.

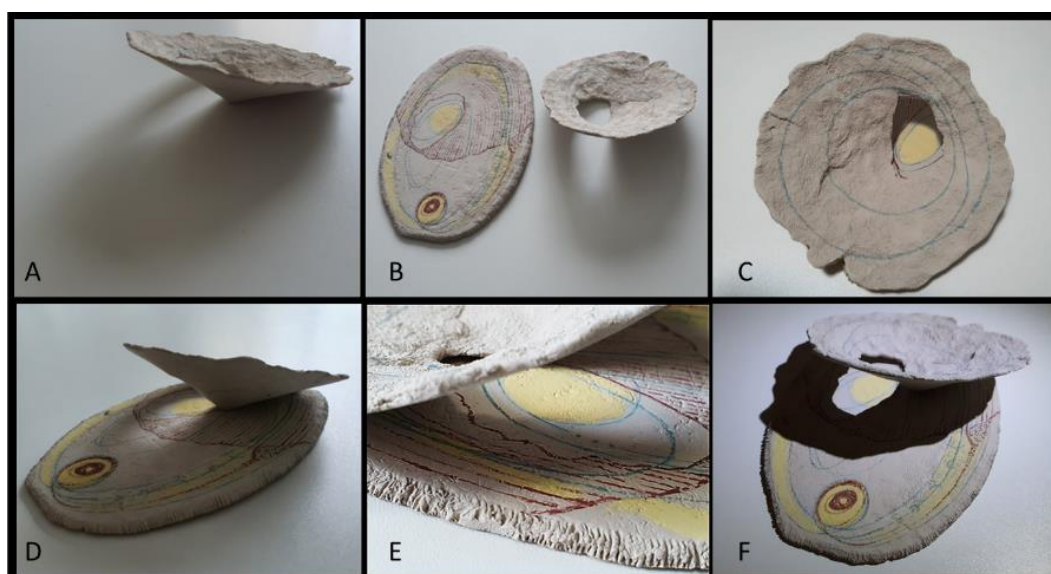


Figura 1. **Rodopio**, 21 x 21 x 4 cm, modelagem em argila, corantes e óxidos cerâmicos, 2020. Fotografias da autora.

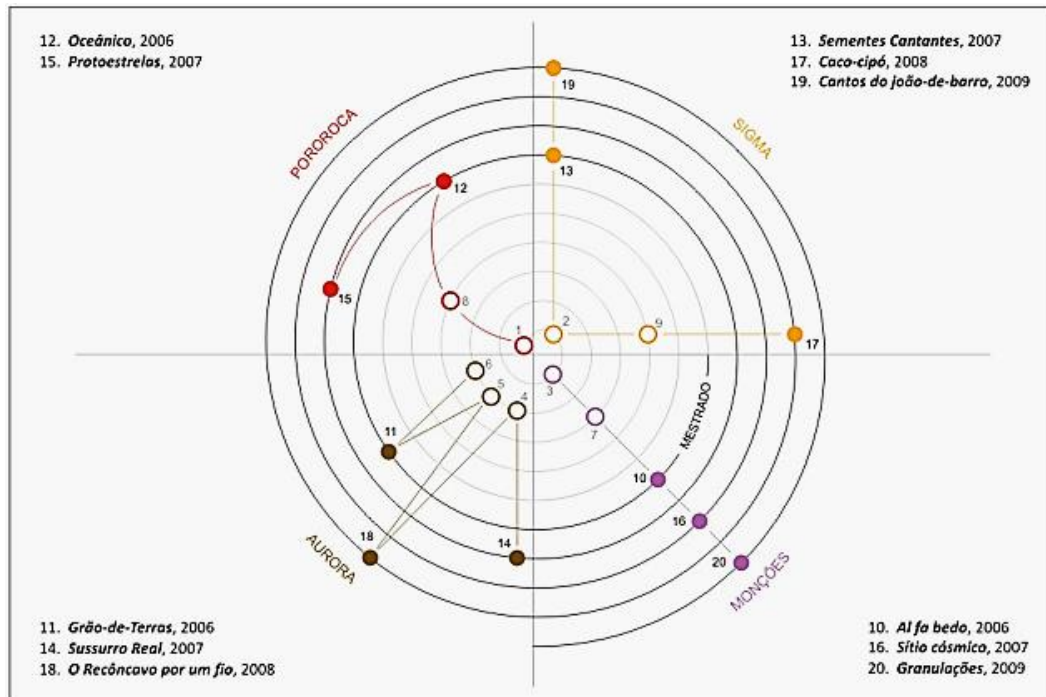
**Rodopio** estrutura-se em duas partes que se complementam, uma antena focal rasgada, ávida por informações e, em projeção, seu plano sensível, que aos poucos as vai retendo em cores. Vê-se, então, o riscado de linhas curvas e a delimitação de áreas iluminadas, onde percepção e memória estão ativas, e, outras sombrias, desconhecidas ou desativadas. São indicações externas captadas pela antena, percebidas de forma

subjetiva, como órbitas imaginárias, à espera de serem seguidas, elaboradas e compreendidas para que se possa recompor a ordenação cotidiana e o movimento interno-externo-interno também na pesquisa em arte.

Na cidade de Goiás, durante o 28º Encontro da ANPAP, refletiu-se sobre origem, genealogia, e foi momento para lançar a gênese poética de um novo projeto de pesquisa em arte, conduzido por uma nave imaginária, tornado e aprovado projeto de pesquisa de doutoramento em um programa de pós-graduação. Para o 29º Encontro, as dispersões, e, nas condições atuais da pandemia pelo novo corona vírus, atenta-se às palavras do sociólogo Michel Maffesoli ao dizer que “o aspecto cognitivo da experiência nos força a prestar atenção aos acontecimentos, aos fenômenos, enfim a tudo o que se inscreve no instante e no presente” (MAFFESOLI, 1988, p. 200). Então, na conjuntura atual, na vivência cotidiana imbricada à experimentação artística de materiais acessíveis em casa, onde se está, modelar e observar a forma, suas projeções de sombra, traçar órbitas, perscrutar trajetórias possíveis para esse corpo esgarçado, tem provocado questões e reflexões que se articulam com procedimentos metodológicos previamente adotados em pesquisa prático-teórica em arte.

Ora, não se pensa as dispersões sem estabelecer relação com a origem, não se compreende o afastamento sem a referência de que se afasta, nem a projeção das áreas de sombra, umbra e penumbra sem se reconhecer o foco de luz e a angulação da superfície onde ocorre a projeção. O conhecimento empírico cotidiano, que Maffesoli cita como “saber-fazer”, “saber-dizer” e “saber-viver” (MAFFESOLI, 1988, p. 195) se estabelece articulando-se pontos e também fazendo-se analogias. Há milênios, o homem traçou constelações aproximando corpos celestes muitos anos-luz distantes um do outro, através do desenho e de histórias mitológicas que lhe trouxessem sentido; o conhecimento científico relaciona observações, verificações e demonstrações com análises e resultados; as redes de comunicação tecnológica apresentam possibilidades múltiplas de conexão e a prática dos artistas pesquisadores pode ser vista como processos que interligam redes de criação...

Assim sendo, a autora deste artigo, no exercício de estabelecer interconexões em sua prática artística, exercitando o papel do “modelador” e do “contemplador” segundo o filósofo Gaston Bachelard (BACHELARD, 2001), observa atentamente o riscado azulado na antena focal de **Rodopio**. Trata-se de uma curva espiralada que parte das proximidades da seção esgarçada, vazada, e se estende até sua borda – conferir imagem C da Figura 1; e por isso, a relaciona intuitivamente com a espiral geometricamente traçada em 2007, pensamento visual que definiu o fluxograma metodológico de sua pesquisa de mestrado concluída em 2009, Figura 2. Nesta espiral, linha do tempo de seu percurso artístico, foram marcadas suas obras, então



chamadas obras-estrelas, aparentemente dispersas, mas que foram interligadas poeticamente, desenhando-se quatro constelações, que, em complementaridade, analisaram o gesto criativo: que tem uma origem, busca uma direção, passa pelo exercício do caos-cosmo na construção das obras e precisa de uma reflexão para a introdução de conceitos trazidos nas imagens.

Figura 2. Fluxograma metodológico (SOUZA, 2009)

Olha-se esse fluxograma (SOUZA, 2009, p. 36-37), ação/pesquisa em fluxo e vê-se as quatro constelações: **Aurora** (origem); **Monções** (direção); **Pororoca** (caos-cosmo) e **Sigma** (reflexão e expansão de conhecimento) inseridas na linha espiral crescente, que descreveu um movimento rotacional com raios cada vez maiores e passou pelas mesmas regiões, à medida que as obras iam sendo produzidas, em pontos progressivamente mais afastados do centro, ou seja, da marcação da primeira obra levada a público, **Limite**, 1989.

Recorta-se inicialmente aqui dois quadrantes do fluxograma, o da **Pororoca** e o de **Monções** para as primeiras ponderações. O macaréu da pororoca que se formou com a quebra de limites e rompimento sob pressão, nasceu de um gesto explosivo como um big bang e daí fragmentou-se e dispersou-se para dar início a um universo particular de expressão artística que continua a se expandir. A cada nova produção com quebra de paradigmas específicos, refez-se esse caminho, de um ponto de origem para uma dispersão, na formação de uma nova estrela, em um movimento cíclico crescente. Na Figura 3, visualiza-se o quebrar-se e o estrondo do caos-cosmo,

típico do processo criativo, tornado fragmentações em **Oceânico**, 2006, e objetos sonoros nas **Protoestrelas**, 2007.

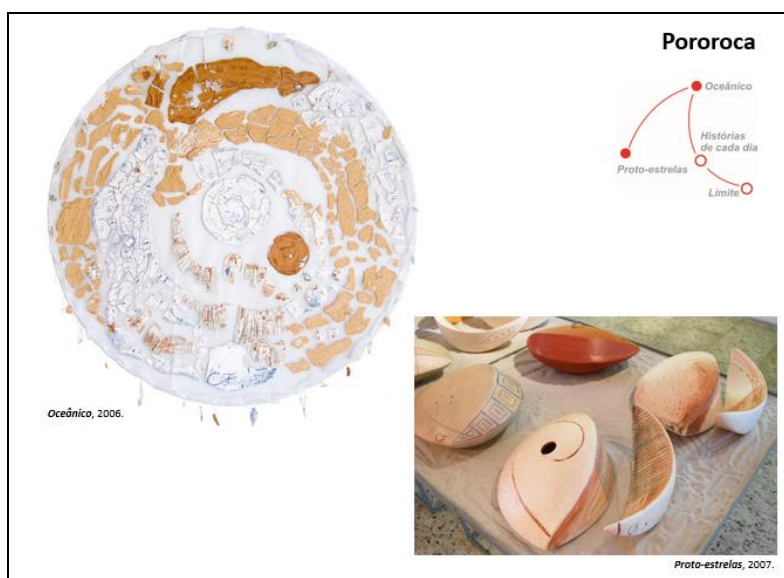


Figura 3. Obras que na pesquisa de mestrado integraram a constelação de **Pororoca**.  
Fotografias: Laís Andrade.

Na pesquisa de mestrado, então, foram usadas massas cerâmicas diversas, escolhidas por suas características de cor, plasticidade, resistência e sonoridade. A plasticidade permite procedimentos de conformação diferentes, atende portanto ao processo de produção de cada obra. A resistência e a sonoridade servem ao manuseio da obra pronta, implicando em interação satisfatória ou não. Já a cor encanta e canta suas melodias, mas só se revela plena após a sinterização. A experimentação indicou a seleção de materiais, seu estado físico – se mais sólido ou amolecido com água e os procedimentos. Como o processo de produção da cerâmica se dá sem se ter o domínio pleno do processo, porque se trabalha com os materiais em transição de umidade, peso, tamanho e cor, sem se poder acompanhar todas as suas transformações, relacionou-se então o fazer artístico, o exercício do caos-cosmo, em cerâmica, com uma verdadeira pororoca brasileira, surpreendente onda de arrebentação que vem do mar, ocorre à foz do rio Amazonas e amortece à medida que avança em direção ao rio, provocando forte estrondo.

Já a constelação de **Monções**, como um eixo que vai do centro da espiral afastando-se dele na direção centrífuga, indicou o movimento de ventos que sopravam para fora, para a extroversão, em direção ao espaço cósmico. Observa-se, na Figura 4, a direção para a qual o gesto criativo assim apontou e alcançou a partir da nave imaginária **Al fa bedo**, 2006 – o espaço cósmico, o nosso sítio, o espaço humano no cosmos, com as

obras aéreas **Sítio cósmico**, 2007 e **Granulações**, 2009, uma grande instalação, 78 m<sup>3</sup>, de grãos formando uma espiral galáctica.

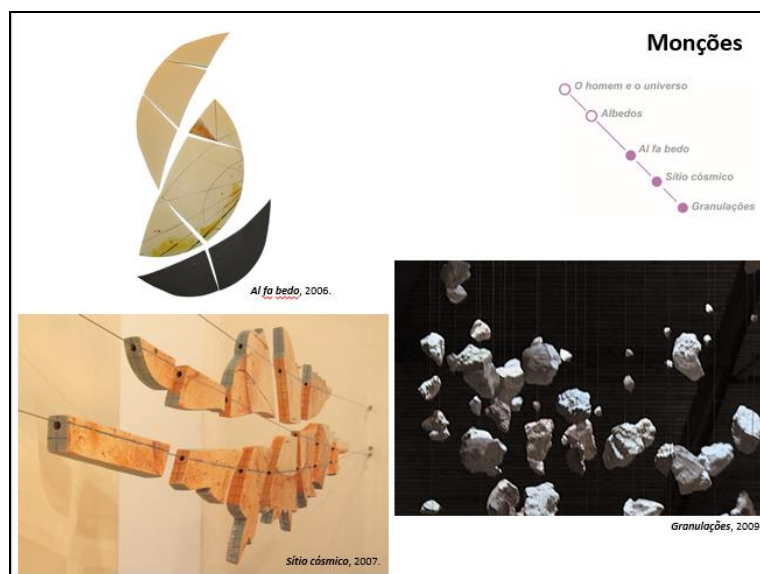


Figura 4. Obras que na pesquisa de mestrado integraram a constelação de **Monções**.  
Fotografias: Laís Andrade.

Assim, durante a pesquisa terra-Terra, mais uma vez, a experimentação em atelier foi o ponto de partida e conduziu a compreensão do procedimento cerâmico como um caminho que aponta para o céu, durante o qual se passa pela escolha de materiais, pela modelagem, por interferências diversas de furações e riscados, aguarda-se o processo lento de secagem até se chegar à necessária desidratação das massas para enforná-las. É então no forno cerâmico que se completa o processo. Daí a aproximação entre a cerâmica e as estrelas - ambas são geradas por aquecimento em altas temperaturas.

Importante rever essas duas constelações em diagonalidade no fluxograma: a de **Pororoca**, porque o exercício do caos-cosmo é o ponto de partida para qualquer pesquisa em arte, além de ser a coluna vertebral que a sustenta, e, a de **Monções**, porque transportes siderais imaginários em trânsito poético por questões do procedimento cerâmico artístico é o mote da pesquisa de doutorado em curso, na linha de Processos de Criação Artística. Prefere-se deter a atenção nelas, porque: a constelação de **Aurora** reúne obras-estrelas referentes ao estudo de materiais e procedimentos como origem da produção artística da autora, além de sua relação com as tradições cerâmicas da terra natal; e, a constelação de **Sigma** interliga os conhecimentos prático-teóricos desenvolvidos na pesquisa. Assim, essas duas últimas atenderam a questões mais específicas da pesquisa de mestrado, enquanto, no atual

momento de imprevisibilidade, **Pororoca** e **Monções** brilham nitidamente no onirismo da presente pesquisa e incidem luz sobre as primeiras leituras de **Rodopio**.

No momento, investiga-se **Rodopio** em formação de possíveis significados. É necessário interligar o que se vai percebendo: seu corpo frágil em argila, ainda por ser sinterizado<sup>1</sup> em temperaturas elevadas, apresentando cores que ainda não estão plenas; a divisão desse corpo em duas seções, definidas para se acoplar e entrar em órbita, que são a antena focal que impulsiona com uma perna imaginária o giro rotacional em torno de si mesma e um mapa orbital registrado no plano sensível; além disso, observam-se as linhas circulares que o mapa exhibe, Figura 5, abrangendo áreas irregulares, com bojo acentuado em uma só direção, ou mais ovaladas e elípticas.



Figura 5. Mapa orbital registrado no plano sensível de **Rodopio**. Fotografia da autora.

Há que se considerar também que no mapa orbital a marcação de áreas iluminadas e sombreadas foram provocadas por luz natural e artificial em diversos momentos do dia de seu nascedouro, conforme a necessidade na mesa de trabalho da artista. Por isso, no exercício analítico para se ordenar as primeiras impressões da obra, colocam-se algumas questões: é possível relacionar sua configuração com espelhamentos do subjetivo no objeto? Uma articulação poderia ser feita com o momento atual? Qual seria a estratégia de deslocamento para esse corpo instável pelas órbitas imaginárias na pesquisa que já se iniciou?

Então, buscando-se compreender **Rodopio** em sua conformação inesperada, que a aproxima das obras da constelação de **Pororoca** e, refletindo-se sobre as questões pontuadas, rememora-se seu processo criativo enquanto recorre-se a escritos de artistas. Toma-se aqui como verdadeiras algumas considerações de Paul Klee a respeito da filosofia da criação:

Nenhuma obra é determinada previamente; pelo contrário, cada obra começa em algum momento, com um motivo, e cresce para lá de cada um dos órgãos, transformando-se em organismo. E também a construção, o nosso objetivo aqui, nunca é dada, mas evolui a partir de motivos exteriores e interiores, para constituir as partes e o todo (KLEE, 2001, p. 57).

Sendo assim, concorda-se que motivos exteriores e interiores norteariam escolhas e definições visuais da obra, a partir da incidência de luz sobre o corpo que se formava, sendo que tanto as áreas iluminadas quanto as em penumbra são instigantes e alternadamente provocam inquietações à pesquisadora, principalmente se tomadas isoladamente, pois, em parceria, uma abranda e justifica a outra. Confia-se também na complexidade e simplicidade do verso de Manoel de Barros que diz a respeito de si mesmo e do fazer poético - "Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina" (BARROS, 2006, p. 2).

Entende-se escuro onde há falta de luz, também enquanto obscuro, pouco inteligível, inconsciente, oculto ou misterioso. E esses significados se relacionam com o nascer de uma obra poética, em meio ao pulsar do saber e não saber, durante os procedimentos em ateliê. Nos fala Sandra Rey, em um de seus textos sobre pesquisa em artes visuais - a respeito de instâncias metodológicas reunindo prática e teoria, que a instauração de uma obra se dá no que ela chama de um ponto de cegueira para o artista, ou seja, no escuro, quando ele já não consegue perceber nitidamente como o trabalho está se ordenando (REY, 1996, p. 88). Mais adiante no texto, ela complementa que, nesse ponto, a obra se processa e processa também seu criador. Confirmando esse pensamento, são de Mia Couto as palavras: "não sei se fiz o livro, as personagens, ou se esses personagens fizeram a mim" (COUTO, 2020), em palestra remota sobre sua obra literária e o momento atual em Moçambique e Brasil, durante o Congresso Virtual UFBA 2020, num desses dias de maio.

Por isso, através do fazer artístico, investiga-se materiais e a produção de imagens advindas do "onirismo ativo" (BACHELARD, 2001), pois assim, gera-se conhecimento, redimensiona-se o mundo e o si mesmo, luta-se, enfim, posiciona-se através da expressão poética. Durante o processo criativo, busca-se a luz das estrelas no escuro do céu, aproxima-se o que está disperso e/ou dilui-se o que é dicotômico, no exercício da "memória inventada", parafraseando Manoel de Barros, além da alteridade e da imaginação, tentando-se dar sentido à vida e compreender o tempo contemporâneo.

Que tempo é esse? Tem-se percebido como momento de pluralidade, polifonia, sempre considerando acréscimos, sempre mais, sempre muito, também, de fragmentação, de crise, de injustiças sociais, de conscientização e luta diária. Experimenta-se o tempo cada vez mais veloz e a sucessão desenfreada de mudanças



tecnológicas e comportamentais. Neste ano de 2020, tem-se tido uma vivência do tempo-espaço muito nova, percebendo-se, cada um, num espaço fisicamente restrito, mas, digitalmente, quase ilimitado. O espaço virtual é o meio para as soluções cotidianas, soluções e solicitações diversas a todo instante. Reajusta-se essa percepção de tempo-espaço a cada dia. Mas foi na pausa da tecnologia, retomando a habitual prática da modelagem, que surgiu **Rodopio** e ele trouxe um movimento rotatório imprevisível a ser exercido num espaço imaginário; observa-se ser um movimento instável, que pode fazer o corpo se desequilibrar, cambalear, atrasar ou acelerar na tentativa de manter-se em seu caminho orbital. É, portanto, na instabilidade que **Rodopio** e o momento atual convergem.

Dessa forma, faz-se necessário achar um outro apoio para que **Rodopio** possa estabelecer o equilíbrio, marcar o ritmo e acertar seu passo em órbita. Retrocedendo no tempo cósmico do universo artístico da pesquisadora, olhando para o céu, que lhe inspira as metáforas de sua poética, e procurando o compasso do procedimento cerâmico, lá está a já comentada constelação dos ventos **Monções**, Figura 6, um eixo que direciona a produção poética para o espaço sideral, forma exata para a tarefa de articulação - um cajado luminoso para ajudar **Rodopio** em seu movimento de translação com mais firmeza. Em segurança, poderá exercitar o intelecto e realizar ordenações cognitivas, enquanto percorrer suas órbitas imaginárias com sensibilidade, conforme seu próprio rodopio sinalizar. Contudo, reajustes precisam ser feitos nessa rearticulação metodológica, para atender aos questionamentos e objetivos da nova pesquisa, a de doutorado, que precisa ter estabelecida, de forma clara, sua metodologia.



Figura 6. Constelação de **Monções** (SOUZA, 2009) selecionada para servir de cajado para **Rodopio**

Então, nesta nova pesquisa, propôs-se, no fazer cerâmico em ateliê, buscar seguir a melhor prática, com verdade e coerência poética, e percebê-la também na sutileza do inesperado, do qual o próprio procedimento cerâmico seria uma possível tradução, para se garantir e reconhecer diversos níveis de inteireza. Isto porque, em primeiríssima instância, assegura-se que o que mais se almeja ao manipular um bloco de argila é conseguir um corpo cerâmico inteiramente íntegro, depois de sua sinterização. Para isso valem os conhecimentos técnicos e a vivência da prática. Ou

será que, parafraseando Bachelard, em meio a uma “imaginação ativista” (BACHELARD, 2003, p. 1-2), na elaboração em diálogo com o devaneio, “o sonho é mais forte que a experiência”? (BACHELARD, 2008, p. 31) Onde, quando, como garantir a qualidade/inteireza de uma obra? Como abordar o conhecido e o desconhecido com a mesma relevância, de forma coesa, mirando-se uma totalidade? Poderia **Rodopio**, impetuoso em sua rotação e firme em sua translação, assumir a representação de procedimento metodológico para se explorar e compreender a inteireza da poética na pesquisa em curso?

Imaginando-se e revendo-se, assim, os ventos de monções, em sua ocorrência geográfica, como os que acontecem a partir do continente asiático para o oceano Índico e vice-versa, conforme a alternância das estações, confere-se à referência analógica subverter e alternar, de forma pendular, o sentido dos ventos sobre o eixo da constelação de **Monções**, fazendo-o apontar ora para fora, para o exterior, e, ora para dentro, para o centro da espiral. Nesse centro, **Monções** se aproxima do eu poético e do início do percurso artístico da autora com sua primeira obra-estrela que faz parte da constelação de **Pororoca**.

Nesse ponto central da diagonal que alinha essas duas constelações, a pesquisadora vê e escuta o exercício do caos cosmo, que configurou-se como uma imensa onda, em diálogo com o claro riscado de um eixo que apontou a motivação da produção para o espaço sideral, em 2007-2009, e cria a possibilidade de estabelecer uma articulação dialógica permanente entre elas, de **Pororoca** para **Monções** e de **Monções** para **Pororoca**, conforme os ventos sazonais. Dessa forma, toda noite, nascendo e se pondo cada uma, com oposição de 12 horas, quando **Pororoca** surge iluminada no céu, o esplendor é do gesto criativo em seu turbilhão, que fragmenta e estrutura, grita, canta e surpreende; enquanto isso, **Monções** está em zona escura. Quando **Pororoca** declina na sombra, **Monções** desponta norteando a direção da criação e da pesquisa; esse movimento pendular de uma constelação pra outra, a cada 12 horas no céu, observável no disco estelar, Figura 7, pode ser reduzido a frações de segundo no ateliê, como na velocidade do tempo virtual, entre saber e não saber, gerando impulso para o eu poético.

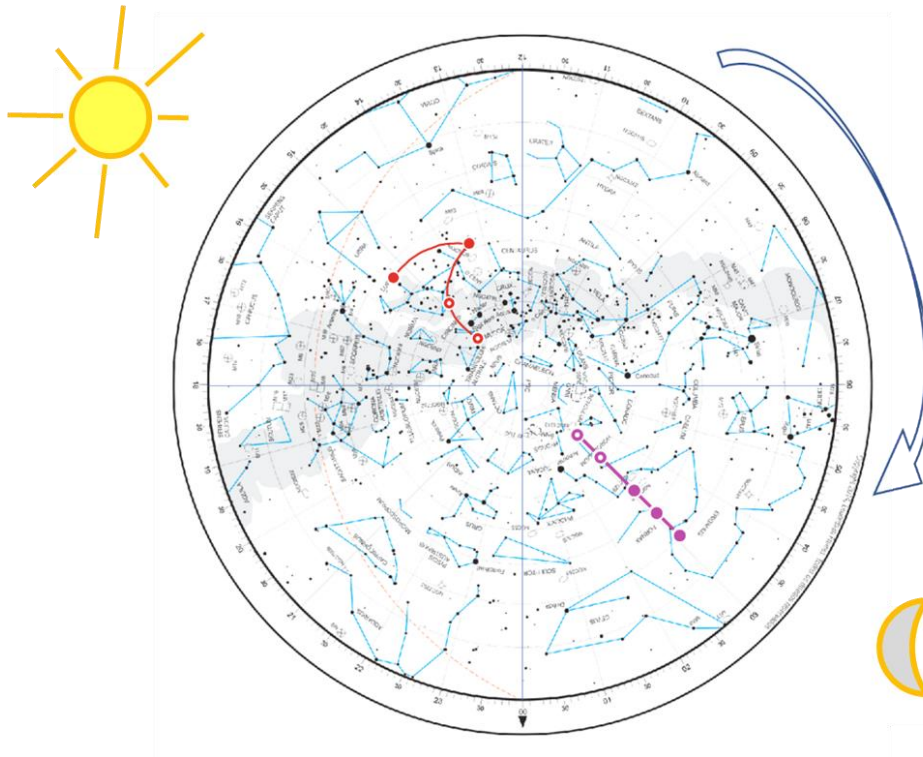


Figura 7. Carta Celeste Hemisfério Sul (CARTAS..., 2017), manipulada pela autora.

Em 2020, com a chegada do outono, acredita-se que essas referidas constelações já passaram a ser visíveis dessa forma, articuladas nesse ritmo no céu, e a antena de **Rodopio** logo registrou suas características particulares em seu mapeamento orbital, com facilidade, pois esta nova obra errante está interligando dispersões e aproximando dicotomias. Sua identidade sensível e imaginária torna-se legível a cada novo olhar. Além das áreas sombrias e iluminadas e das curvas orbitais em corpo argiloso, sem sinterização, logo, indicando processo, atenta-se para mais dois pontos: o registro de seu rodopio errante luminoso como o de um cometa, com núcleo e cauda, em amarelo e vermelho ferroso, em sua extremidade livre, seguindo-se a borda direita inferior; e o fato de que a área esgarçada da antena, rompida, recuada é justamente provocadora de dinamismo na composição, gerando uma pequena órbita em torno da área amarela iluminada - conferir Figura 5.

Esclarece-se ainda que cometas podem se aproximar da Terra e seguir seu caminho, mas no registro do movimento de **Rodopio**, que nasceu com ele, seu núcleo tem uma aparência galáctica e as galáxias são muito distantes umas das outras e todos os astros se afastam no Universo, portanto outra contradição em convivência harmônica a se considerar no caráter de **Rodopio**. Seleciona-se, então, mais uma afirmação de Maffesoli, como contribuição reflexiva: "Talvez fosse preciso considerar que nosso

conhecimento do mundo é uma mistura de rigor e poesia, de razão e paixão, de lógica e mitologia” (MAFFESOLI, 1985, p. 90).

Portanto, pelas rearticulações que ele já estabeleceu no percurso artístico da autora, entre processos criativos e procedimentos metodológicos, distanciados no tempo das pesquisas e no campo cognitivo, e, por sua especificidade em lidar com escuro x iluminado; espontâneo x geométrico; rotação x translação; interno x externo; conhecido x desconhecido; dia x noite; imprevisibilidade de uma onda x determinação de um eixo direcionador etc. é que se reconhece seu potencial para investigar a noção de inteireza com experiência e sonho, com partes e totalidade, em acordo com a verdade poética da autora. Na Figura 8, **Rodopio** aparece pronto para levar a pesquisa, com seus apetrechos, que salientam: seu movimento de rotação, um rodopio sobre uma perna transparente, de vidro, relacionado ao exercício inesperado do caos cosmo, ação suscetível em novo formato; e, o movimento de translação, caminho prático-teórico, reflexivo, interdisciplinar, que **Rodopio** passa a liderar com seu cajado luminoso, de metal, à semelhança do riscado da constelação de **Monções**.



Figura 8. **Rodopio** e seus apetrechos. Fotografia da autora.

Assim, a meta de uma lógica a ser mantida durante a pesquisa de doutorado, enquanto representação de ação metodológica para atender a seus objetivos e questionamentos, está sendo visualmente elaborada e poeticamente definida, reunindo-se intelecto, sensibilidade e imaginação e fazendo-se analogias com a geografia, a sociologia compreensiva e a astronomia.

## Nota

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

---

<sup>i</sup> Sinterizado significa ter adquirido resistência física ao ser exposto a altas temperaturas num forno cerâmico.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Trad. Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios do Repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

**CARTAS Celestes Norte e Sul e Máscara 2017**: notas de estudo de Astronomia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2017. Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.docsity.com%2Fpt%2Fcartas-celestes-norte-e-sul-e-mascara-2017%2F4916089%2F&psig=AOvVaw0mEE\\_Yu9QeYMWsOmcP6m0D&ust=1592008302100000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCKiAi56D-kCFQAAAAAdAAAAABAD](https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.docsity.com%2Fpt%2Fcartas-celestes-norte-e-sul-e-mascara-2017%2F4916089%2F&psig=AOvVaw0mEE_Yu9QeYMWsOmcP6m0D&ust=1592008302100000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCKiAi56D-kCFQAAAAAdAAAAABAD)>. Acesso em: 03 jun. 2020.

COUTO, Mia. In: CONGRESSO VIRTUAL UFBA, 1, 2020. Mesa de discussão on-line. Salvador: UFBA, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gXJNqfcJWXw>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

KLEE, Paul. **Escritos sobre arte**. Trad. Catarina Pires e Marta Manuel. Lisboa: Edições Cotovia, Ltda., 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. Tr. Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1988.

REY, Sandra. **Da prática à teoria**: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. **Revista PORTO ARTE**, Porto Alegre, v. 7, n.13, p.81-95, nov. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713/16324>

SOUZA, Maria da Conceição Andrade. **terra-Terra**: um movimento poético com o barro cozido. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

## Maria da Conceição Andrade Souza

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

---

Com nome artístico de Conceição Fernandes, a autora é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/UFBA, na linha de pesquisa de Processos de Criação Artística, dando prosseguimento a suas pesquisas prático-teóricas com o procedimento cerâmico artístico. É também professora do Departamento de Expressão Gráfica e Tridimensional da EBA-UFBA, onde desenvolve estudos com os discentes sobre materiais cerâmicos, técnicas de modelagem e queima, e orienta projetos na graduação. Contato: marconfe@gmail.com